



## SUORTE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA CRIANÇAS DISLÉXICAS NO PERÍODO ESCOLAR

*Aline Barros dos Santos*<sup>1</sup>; *Francieli Jorge dos Santos Leonardi*<sup>2</sup>; *Hymasmin Santos Azevedo*<sup>3</sup>,  
*Thiago Silva Prado*<sup>4</sup>

Graduada em Letras e Pedagogia, Pós-graduada em psicopedagogia UniAlfa. aline.santos@edu.umuarama.pr.gov.br

Graduada em História e Pedagogia, Pós-graduada em psicopedagogia UniAlfa. francielijorgesantos@gmail.com

Graduada em Pedagogia, Pós-graduada em psicopedagogia UniAlfa. hyasminsantosazevedo@gmail.com

Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) prof.thiagoprado@gmail.com

### RESUMO

Este artigo apresenta as práticas pedagógicas existentes conhecidas e utilizadas para suporte de crianças disléxicas no contexto escolar. Tendo como objetivo geral identificar de forma bibliográfica, relatos que apontem o conhecimento da comunidade escolar sobre as práticas pedagógicas que podem ser implementadas para o suporte de crianças com dislexia matriculadas na educação básica no Brasil. A metodologia utilizada é de natureza qualitativa, através de pesquisa bibliográfica foi possível analisar por meio de relatos, estudos de caso, experiências que foram evidenciadas nos espaços escolares e identificar quais as práticas e estratégias pedagógicas adotadas são passíveis de serem implementadas na rede de ensino. O presente trabalho, busca contribuir com novas pesquisas para a área acadêmica, elencando os principais autores Borba e Braggio (2016) e Ianhez e Nico (2002) que corroboram com a temática, trazendo informações sobre as estratégias pedagógicas que podem ser praticadas por profissionais da educação básica, bem como aspectos relacionados em como as famílias podem lidar com esse transtorno, visando auxiliar no cotidiano da aprendizagem e do desenvolvimento. Compreende-se que a escola deve criar estratégias pedagógicas para acolher e atender alunos com dislexia implantando método multissensorial, consciência fonológica e tecnologia educacional.

**Palavras-chave:** Dislexia. Práticas pedagógicas. Aprendizagem.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, busca contribuir com novas pesquisas para a área acadêmica, elencando os principais autores que corroboram com a temática, trazendo informações sobre as estratégias pedagógicas que podem ser praticadas por profissionais da educação básica, bem como aspectos relacionados em como as famílias podem lidar com esse transtorno, visando auxiliar no cotidiano da aprendizagem e do desenvolvimento.

A abordagem metodológica é de natureza qualitativa, sendo desenvolvida através de pesquisa bibliográfica exploratória (livros, revistas, artigos, jornais, cadernos com apontamento entre outros). Em relação à pesquisa exploratória, Gil (2002), descreve que, a pesquisa exploratória tem como objetivo, proporcionar maior familiaridade do pesquisador com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito. Através dos estudos aprofundados sobre as dificuldades de aprendizagem no contexto escolar, o problema de pesquisa do referido estudo buscou conhecer se as práticas pedagógicas existentes são conhecidas e utilizadas para suporte de crianças disléxicas no contexto escolar.



Este trabalho tem como objetivo geral identificar de forma bibliográfica, relatos que apontem o conhecimento da comunidade escolar sobre as práticas pedagógicas que podem ser implementadas para o suporte de crianças com dislexia matriculadas na educação básica no Brasil. E para a obtenção desse propósito buscamos investigar a partir dos objetivos específicos: a) Conhecer conceitos, direitos e características de crianças com diagnóstico de dislexia; b) Apresentar estratégias e práticas pedagógicas utilizadas com crianças disléxicas; c) Analisar nos dados encontrados o conhecimento da comunidade escolar sobre as práticas pedagógicas que podem ser implementadas para potencializar a aprendizagem de crianças disléxicas.

Este artigo se estrutura em: resumo o qual apresenta uma breve apresentação do tema; introdução que fornece uma visão geral da pesquisa; abordagem do tema dislexia explicando conceitos, direitos e características; análise das práticas pedagógicas no contexto escolar; análise e discussões do que foi relevante nas pesquisas realizadas; e conclusão do trabalho apresentando os resultados esperados.

## **2 DISLEXIA**

### **2.1 Conceitos, direitos e características**

Historicamente, o termo dislexia surgiu em 1872, por Berlin, seguido pelo médico James Kerr. Em 1896, o médico precursor da dislexia Willian Pringle Morgan publica no British Medical Journal (BMJ) o caso de um adolescente com incapacidade de ler, mas com habilidades cognitivas perfeitas, denominando o caso de cegueira verbal como problema genético. No ano de 1907, Stevenson, mantém o termo após estudar seis casos em uma família apresentando cegueira verbal, apontando para um problema genético.

A expressão dislexia ressurgiu em 1917, quando um médico oftalmologista James Hinshelwood encontrou um paciente com inteligência normal, mas com dificuldades significativas para aprender a ler e escrever. Hinshelwood concluiu que a causa do distúrbio de leitura estaria ligada a “um defeito congênito no cérebro, que afetava a memória visual de palavras e letras” (Rotta; Pedroso, 2016, p. 133). Justificando, os oftalmologistas foram os primeiros a identificar a dislexia como distúrbio na área da linguagem e não como problema na área da visão.

Ainda em desconhecido, nos Estados Unidos, 1925, as crianças com dificuldades em ler, escrever e soletrar eram frequentemente encaminhadas para unidades de saúde mental. Na



época, o doutor e psiquiatra Orton publicou que as crianças “faziam inversões e imagens espelhadas de letras e palavras” (Rotta; Pedroso, 2016, p. 133)

O autor sugeriu que o fenômeno era provocado por imagens competitivas nos dois hemisférios cerebrais devido à falência em estabelecer dominância cerebral unilateral e consistência perceptiva. Denominou essa condição de estrefossimbolia, símbolos invertidos, denominação ainda aceita como um dos principais sinais de diagnóstico de dislexia. [...] Orton conclui que o único fator comum em tais situações era a dificuldade de redesenhar ou reconstruir, na ordem de apresentação, sequências de letras, sons ou unidades de movimento (Rotta; Pedroso, 2016, p. 133).

A partir desse momento, a dislexia começou a ser estudada de forma mais aprofundada, levando ao entendimento atual de que se trata de um transtorno de aprendizagem específico da leitura e escrita, que estão relacionados às condições neurológicas específicas, desvinculando-a de problemas visuais. No Brasil, em 1983 foi fundada a Associação Brasileira de Dislexia (ABD) que tem como objetivos esclarecer e orientar a sociedade quanto a dislexia, ajudar e estimular nos estudos e atendimento aos disléxicos. Conforme define ABD (Definição adotada pela IDA – International Dyslexia Association, 2002) a dislexia:

A Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas (ABD, 2016).

O surgimento da dislexia tem origem nos estudos que exploram a relação genética e o padrão de herança na dislexia do desenvolvimento (Selikowitz, 2001) e nas discussões sobre a dislexia adquirida decorrente a uma lesão cerebral (Rotta, 2006). A parte esquerda do lobo temporal é responsável por compreender a linguagem, quando alterada essa parte cerebral as pessoas apresentam dislexia, o que leva a uma disfunção no processamento fonológico.

Na literatura encontramos duas explicações para o surgimento da dislexia, a primeira é que a dislexia é hereditária, ou seja, é um distúrbio com evidência genética que surge por está associada às diferenças funcionais no hemisfério esquerdo do cérebro, já a segunda é que pode ser por decorrência de uma lesão cerebral, neste caso, configura-se por ser uma dislexia adquirida (ROTTA 2006). Nas questões referentes à genética, estudos apontam para a relação entre o padrão de herança e a dislexia do desenvolvimento, ou seja, crianças cujos pais possuem problemas de leitura teriam maior probabilidade de apresentarem esse transtorno (Lima, 2014, p. 5).

As principais características da Dislexia são: (a) confusão de letras e números que podem parecer invertidos ou trocados, dificultando a leitura e a escrita; (b) dificuldades em



decodificar sons e associá-los às letras correspondentes; (c) dificuldade em reconhecer palavras de forma automática, levando a uma leitura mais lenta e hesitante; (d) problemas em soletrar palavras corretamente, frequentemente cometendo erros ortográficos; (e) dificuldades em manter informações verbais na memória de curto prazo enquanto processa outras informações.

Zorzi (2008) descreve sobre as dificuldades comuns associadas à dislexia. Estes sintomas afetam diretamente a habilidade dos alunos disléxicos de ler, escrever e soletrar de maneira eficaz.

Outras dificuldades podem ser associadas, como falha de soletração e na ortografia. Com frequência, os disléxicos exibem uma dificuldade significativa para compreender a estrutura sonora das palavras, ou seja, identificar fonemas separadamente. Também ocorre uma dificuldade para aprender a correspondência entre fonemas e as letras que os representam (ZORZI, 2008, p. 8).

Identificar para intervir o mais precoce possível faz a diferença no processo de desenvolvimento, o diagnóstico deve ser realizado por uma equipe multidisciplinar (médico, psicólogo, psicopedagogo, fonoaudiólogo e neurologista) quando a criança apresentar dificuldades na alfabetização, ou seja, nos anos iniciais da vida escolar (Silva; Duhart; Pereira, 2019).

A intervenção deve ser realizada por profissionais das áreas da Pedagogia - implementar estratégias educacionais adaptadas para facilitar o processo de aprendizagem; Fonoaudiologia - trabalhar no desenvolvimento das habilidades de linguagem, incluindo exercícios de decodificação fonológica e aprimoramento da compreensão auditiva; Psicopedagogia - oferecer suporte individualizado e utilizar técnicas específicas para abordar dificuldades de aprendizagem; Psicologia - ajudar no desenvolvimento da autoconfiança e de estratégias para lidar com as dificuldades de leitura e escrita.

Crianças com dislexia têm seus direitos garantidos por lei tanto para frequentar a classe regular como também realizar provas diferenciadas devido a sua dificuldade de leitura. A Lei n.º 14.254/2021 “dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem”. A lei prevê que o poder público desenvolva e mantenha programa de acompanhamento integral para educandos com dislexia, as escolas da educação básica das redes públicas e privadas com o apoio da família e dos serviços de saúde devem garantir cuidado e proteção aos educandos com dislexia (Brasil, 2021).



A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tem a intenção de garantir a educação para todos. Em seu Artigo 59º o sistema de ensino deve assegurar a acessibilidade dos “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades”. Ainda neste artigo, os professores de ensino regular devem obter capacitação e especialização para atendimento especializado.

## **2.2 Práticas pedagógicas e sua utilização na promoção da educação e do desenvolvimento**

De acordo com os estudos e questionários realizados por Santos (2017), é possível observar uma série de práticas pedagógicas e desafios enfrentados por professores da rede pública do Distrito Federal no processo de ensino e aprendizagem de crianças com dislexia. A pesquisa de Santos (2017) revela tanto aspectos positivos quanto áreas que necessitam de melhorias significativas.

Nas observações de Santos (2017) o professor trata os alunos disléxicos de forma natural, reconhecendo suas dificuldades sem segregá-los dos demais alunos. A proximidade física entre o professor, os alunos e o quadro é utilizada como uma estratégia para melhorar a comunicação e facilitar o acompanhamento das atividades. A realização de atividades em grupo favorece no incentivo da colaboração e a troca de conhecimentos entre os alunos. O professor realiza leitura das atividades e de pequenos textos em voz alta com o objetivo de verificar a compreensão dos alunos e garantir que todos acompanhem o conteúdo.

Santos (2017) destaca o papel essencial da sala de apoio e das metodologias adaptadas que oferecem um suporte individualizado e especializado para auxiliar alunos com dislexia. Aqui, é evidente um esforço coordenado entre os professores da sala de aula e os profissionais especializados para garantir uma experiência de aprendizado inclusiva e eficaz.

Entretanto, a maioria das atividades e provas somativas são realizadas na sala de apoio da instituição, onde conta com profissionais formados em pedagogia e com pós graduação na área da psicopedagogia e orientação em ensino especial, que lhes dão todo apoio, lendo as atividades propostas, explicando o que fazer, ajudando na soletração, escrita e algumas vezes escrevem o que o aluno quer responder (Santos, 2017, p. 16).

Além da sala de apoio com profissionais especializados, Santos (2017) observa que os métodos e recursos de ensino adaptados por professores da rede pública, diversificando as práticas pedagógicas tornando as aulas dinâmicas e criativas somadas ao uso da tecnologia assistiva garantem a inclusão e o sucesso educacional dos alunos com dislexia.



As metodologias utilizadas pelos professores da escola pública do Distrito Federal são adaptadas com figuras, rimas, consciência fonológica, material e jogos que estimulam a aprendizagem. As práticas pedagógicas adotadas pelos professores que garantiram o sucesso no ensino e aprendizagem de alunos com dislexia foi tornar a aula dinâmica, alegre, diversificada, criativa, utilização de jogos de estratégias e concentração (quebra-cabeça e dominó) e o uso da tecnologia assistiva (Santos, 2017, p. 17).

O estudo de Lima (2014) oferece uma visão detalhada das estratégias de ensino utilizadas por docentes da rede privada de João Pessoa para apoiar o desenvolvimento da aprendizagem de alunos com dislexia. A seguir, destacamos as principais práticas pedagógicas identificadas.

Lima (2014) expõe que os professores da rede privada demonstram conhecer o comportamento do aluno dislético, o que é fundamental para adaptar as estratégias de ensino. Durante as atividades e avaliações, os professores fazem mediação com explicações claras, objetivas e diretas, essa mediação oral ajuda os alunos disléticos a compreenderem melhor as instruções e o conteúdo, facilitando a realização das tarefas. Outro ponto destacado, os professores permitem um tempo maior para que os alunos disléticos concluam suas atividades, entende-se que o tempo adicional reduz a pressão e a ansiedade, permitindo que os alunos trabalhem em um ritmo confortável e dessa forma apresentam seu melhor desempenho.

Os professores entrevistados por Lima (2014) demonstraram ter conhecimento sobre o distúrbio de dislexia, ressaltam ainda a importância do conhecimento como um suporte para se criar estratégias de ensino e contribuir no desenvolvimento de alunos com dislexia. Lima (2014) menciona a fala de uma professora em que destaca várias sugestões a serem adotadas pelos professores:

Prof. (E) sugiro que tenham um acompanhamento multidisciplinar com profissionais capacitados para ajudá-los como: psicopedagogo, fonoaudiólogo etc; sugiro também que sejam feitas atividades adaptadas as quais envolvam a consciência fonológica. O conteúdo programático deve ser dado de forma clara e objetiva e devem ser usados exemplos e situações práticas durante toda a aula. Informações sobre a dislexia do aluno a fim de poder ajudá-lo efetivamente, incluí-lo em todas as atividades, fazendo com que contribua com o que tiver de melhor reforçando sua auto estima, possibilitando ao aluno o uso de tabuada, calculadora e fórmula escrita. Considerando e lembrando que o aluno dislético deve ter preservado a capacidade de raciocínio matemático (Lima, 2014, p. 15).

Lima (2014) defende a importância de trabalhar a autoestima dos alunos disléticos, como apontaram os professores, com propósito de ajudar no desenvolvimento escolar e promover a confiança do aluno dislético.



Atualmente acompanhamos e vivemos grandes transformações na sociedade, fato esse no qual podemos elencar: O acesso da população brasileira à internet. Com essa parte significativa desse acesso, possibilitou-se a entrada das tecnologias com mais facilidade no cotidiano das empresas, da comunicação, sobretudo, na educação. Nesse contexto, podemos citar as tecnologias assistivas, pois de acordo com Galvão Filho (2009, p. 01) é “entendida como qualquer recurso, produto ou serviço que favoreça a autonomia, a atividade e a participação da pessoa com deficiência, encontra um forte aliado nas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)”.

Um estudo de caso realizado por Teixeira (2018), com professores atuantes no Ensino Fundamental e médio em escolas de ensino regular públicas e particulares, na cidade de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, buscou compreender através de entrevistas, o conhecimento do professor, em relação às tecnologias assistivas.

Desse modo, as tecnologias assistivas são recursos imprescindíveis para crianças com dislexia, assim, “a Tecnologia Assistiva compreende em revelar um saber velado por conta das limitações da pessoa. Fazendo parte dos procedimentos metodológicos para ensinar, pode levar a outros saberes e ao desenvolvimento de novas capacidades” (Teixeira, 2018, p. 24).

Para a promoção da inclusão destes alunos, o professor deve estar em constante formação para ter o entendimento de quais são esses recursos. O estudo realizado por Teixeira (2018) com 19 professores, foi realizado a partir de uma entrevista, na qual tais perguntas, como: tem conhecimento sobre o que é dislexia, conhecem a respeito de recursos tecnológicos que podem ser usados com os alunos disléxicos, fazem o uso das tecnologias, conhecem o uso da tecnologia assistiva, etc. Na entrevista realizada, os professores sabem e têm conhecimento do que é dislexia, porém a maior parte desconhece o uso das tecnologias assistivas para ensinar essa parcela.

Assim, nos estudos de Teixeira (2018), ele discorre sobre diversos recursos que auxiliam o aluno na compreensão do conteúdo, ajudando-o no acompanhamento dos seus estudos. Dentre estes: Livro eletrônico, o aplicativo Aramumo, Lumosity-Treinamento cerebral, OpenDyslexic, Mapas Mentais, Áudio Books, Flashcards, Rei da matemática e Cola Matemática. “Chamando de livro eletrônico, livro digital, ou e-book, possibilita ler na tela do computador, celulares e tablets obras literárias, além de consultar material didático” (Teixeira, 2018, p.27). Este recurso possibilita, o aumento da letra, fazer pesquisas de palavras e anotações.



O aplicativo Aramumo, é um jogo desenvolvido pelos alunos do ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica) em parceria com o Instituto ABCD, no qual estimula a leitura e a escrita de palavras, assim, é possível a criança ouvir uma sequência de palavras, e visualizar sílabas que aparecem flutuando na tela, levando-as no quadrado indicado pelas setas, permitindo o aluno com dislexia reconhecer sílabas e formar palavras.

Lumosity-Treinamento cerebral é um aplicativo desenvolvido por neurocientistas, juntamente com designers, que neste ambiente virtual, há diversos jogos e atividades que estimulam a atenção, memória, raciocínio e resolução de problemas.

OpenDyslexic é um tipo de fonte de letra, que ajuda a evitar a troca e o espelhamento da letra, pode ser usado para fins pessoais, comerciais, educacionais, em aplicativos, sites e livros digitais. O download é gratuito podendo ser acessado através do site: <https://gumroad.com/l/OpenDyslexic>.

Os mapas mentais foram desenvolvidos através da teoria de Ausubel, que criou a teoria da assimilação, assim, Novak, usou essa ideia e desenvolveu os diagramas, que consiste em um conceito principal que se divide entre linhas, apresentando os conceitos mais específicos, formando-se assim uma estrutura esquemática. Há mapas mentais gratuitos, exemplo: Mapas Mentais de GoConqr, disponível no Google Play para download, ou online no site <https://www.goconqr.com/pt-BR/mapas-mentais/>.

Os áudios books, é uma ferramenta necessária, pois permite que o aluno ouça o conteúdo de um livro, fazendo assim, uma leitura com os ouvidos. Segundo Teixeira (2018, p.32) “Mecdaisy é o tocador mais utilizado no Brasil, o software foi desenvolvido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em parceria com o Ministério da Educação”. Esta ferramenta é gratuita podendo ser feita o download. Ela não só permite a leitura de livros literários, mas, também a conversão de livros didáticos, descrição de tabelas, fotografias, mapas, gráficos e legendas.

Os Flashcards são usados como técnica de fixação de conteúdo, assim, pode ser feito no Canva. Rei da matemática é um jogo que trabalha as quatro operações matemáticas básicas e potência. Tem como principal objetivo, auxiliar na concentração do desempenho matemático. O aplicativo cola matemática está disponível para download, assim, ele auxilia o educando, nas suas atividades diárias das operações matemáticas, realiza diversos cálculos matemáticos como o mmc (Mínimo Múltiplo Comum) e outros. Esses recursos citados contribuem de forma objetiva, incluindo o aluno com essa deficiência, acompanhar os conteúdos didáticos em sala de aula.



### 3 METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica é realizada a partir de levantamentos e revisões de obras já publicadas, onde se analisam os resultados e busca-se uma fundamentação teórica. Para esta pesquisa é necessário muito estudo, leitura e reflexão para alcançar a solução do problema. Lakatos e Marconi (2003, p. 183) explica que “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Lakatos e Marconi (2003, p. 159) ressaltam que “O problema deve ser levantado, formulado, de preferência em forma interrogativa e delimitado com indicações das variáveis que intervêm no estudo de possíveis relações entre si”. O problema é a ideia central da pesquisa, é ele o norte do desenvolvimento da pesquisa. Para a produção desse artigo sobre a dislexia, abordando a legislação e as práticas pedagógicas, realizou-se uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos, teses e dissertações. Inclusive leis nacionais que garantem o direito e acessibilidade aos alunos com dislexia.

Buscou-se práticas pedagógicas que podem ser implementadas na rede pública e privada de ensino, analisou-se artigos que demonstrem o seu funcionamento e/ou conhecimento por meio de relatos, estudos de caso, experiências que foram evidenciadas nos espaços escolares. A partir das pesquisas bibliográficas, foi possível analisar e identificar quais as práticas e estratégias pedagógicas adotadas são passíveis de serem implementadas na rede de ensino.

### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da análise do estudo de Santos (2017) destaca-se a importância de uma ação compreensiva e adaptada para o ensino de alunos com dislexia. Embora existam desafios significativos, as práticas pedagógicas diversificadas e adaptadas mostram-se eficazes no apoio ao desenvolvimento desses alunos. Compreende-se que para continuar avançando, é essencial que a escola ofereça formação continuada aos professores sobre dislexia e outras dificuldades de aprendizagem. Ter conhecimento sobre a dislexia é o primeiro passo para implementar estratégias pedagógicas adequadas. As adaptações nas estratégias e práticas pedagógicas são cruciais para tornar o aprendizado mais acessível aos alunos com dislexia. Seria bom se o professor adotasse medidas para obter um feedback do seu trabalho.



As atividades diversificadas com jogos ajudam a melhorar a atenção, a memória e a capacidade de resolver problemas dos alunos, mas para que os resultados sejam eficazes é preciso integrar essas práticas de forma regular e variada, mantendo o interesse do aluno. O ambiente escolar deve ser acolhedor e inclusivo, garantindo não só o bem-estar do aluno, como também o emocional de todos, atentando-se às dificuldades dos alunos.

Outro fator analisado é que alunos com dislexia frequentemente enfrentam o estigma de serem considerados preguiçosos e desinteressados. Esse rótulo pode afetar negativamente a autoestima e a motivação dos alunos. Para isso é importante que haja um trabalho de sensibilização em toda comunidade escolar para combater o preconceito e promover o respeito. Para superar a baixa autoestima dos alunos é preciso elaborar atividades que valorizem as habilidades individuais do aluno.

Alunos disléxicos frequentemente têm dificuldade em reconhecer letras, fonemas e palavras. Essa dificuldade compromete a leitura, a escrita e a compreensão de textos. Utilizar métodos multissensoriais de ensino que envolvam a audição, a visão e o tato para reforçar o aprendizado de letras e fonemas.

As estratégias de ensino identificadas por Lima (2014) revelam um compromisso com a inclusão e o sucesso dos alunos disléxicos. No entanto, é evidente que ainda há desafios a serem superados, principalmente no que diz respeito ao conhecimento especializado e ao apoio contínuo aos professores.

Diante do exposto, a escola deve oferecer formação contínua e específica para os educadores sobre dislexia e outras dificuldades de aprendizagem. Com o apoio psicopedagógico na escola ofereceria suporte tanto para os educandos como também aos educadores, assim facilitaria o trabalho docente na elaboração de estratégias e práticas pedagógicas apropriada e direcionada ao aluno disléxico e a esse aluno o sentimento de pertencer ao meio escolar. A criação de projetos envolvendo a família proporciona uma colaboração estreita entre escola e família, com comunicação regular e estratégias alinhadas.

Promover um ambiente de aprendizagem que valorize a afetividade e a inclusão, reforçando a autoestima e a autoconfiança dos alunos. Essas ações podem criar um ambiente educacional mais inclusivo e eficaz, permitindo que os alunos com dislexia desenvolvam suas habilidades e alcancem seu potencial. Conforme Braggio (2006) é na escola que a dislexia se manifesta de fato, pois não há outro espaço em que, permanentemente, a leitura e a escrita são utilizados e valorizados.



Para o atendimento de alunos com dislexia, Braggio (2006) sugere que haja mudanças significativas na escola, o professor cita exemplos do Externato Nossa Senhora Menina (São Paulo) cujos objetivos são prevenir, alertar e orientar os docentes no seu trabalho pedagógico. De acordo com Proposta Pedagógica do Externato, sugere algumas possibilidades para avaliar o aluno com dislexia:

- a) provas escritas, de caráter operatório, contendo questões objetivas e/ou dissertativas, realizadas individualmente e/ou em grupo, sem ou com consulta a qualquer fonte;
- b) provas orais, através de discurso ou arguições, realizadas individualmente ou em grupo, sem ou com consulta a qualquer fonte;
- c) atividades práticas, tais como trabalhos variados, produzidos e apresentados através de diferentes expressões e linguagens, envolvendo estudo, pesquisa, criatividade e experiências práticas, realizados individualmente ou em grupo, intra ou extraclasse;
- d) observação de comportamentos, tendo por base os valores e as atitudes identificados nos objetivos da escola (solidariedade, participação, responsabilidade, disciplina e ética). (Borba; Braggio, 2016, p. 1)

Outro ponto importante a ser considerado é a atenção com o que fazer com o diagnóstico de dislexia, para isso torna-se necessário o acompanhamento de profissionais da área (fonoaudiólogo, psicólogo e psicopedagogo) para intervir no processo de desenvolvimento do aluno com dislexia. Braggio (2006) sugere alguns procedimentos básicos a serem incluídos na escola em relação ao atendimento do aluno com dislexia.

- Trate o aluno disléxico com naturalidade.
- Use linguagem direta, clara e objetiva quando falar com ele.
- Fale olhando diretamente para ele. Isso enriquece e favorece a comunicação.
- Traga-o para perto da lousa e da mesa do professor.
- Observe se ele está se integrando com os colegas.
- Estimule-o, incentive-o, faça-o acreditar em si, a sentir-se forte, capaz e seguro.
- Não lhe peça para fazer coisas na frente dos colegas, que o deixem na berlinda: principalmente ler em voz alta.

O professor precisa ter conhecimento das dificuldades do seu aluno para poder intervir com estratégias pedagógicas que possam superar as dificuldades e alcançar a aprendizagem almejada. Trabalhar o processamento fonológico para desenvolver as habilidades de leitura e escrita é uma das estratégias que podem ser adotadas na metodologia do professor. Alguns exemplos de atividades frequentes de consciência fonológica como brincadeiras com rimas e aliterações, tarefas de separação de sílabas, identificação de rimas, explorar os sons iniciais e finais, troca de fonemas, completar e adivinhação de palavras podem facilitar o processo de aprendizagem.



Ianhez e Nico (2002, p.72) realçam que “com a devida orientação, o aluno conseguirá ser bem-sucedido em classe. A compreensão e assimilação da matéria são mais prováveis se houver clareza, variedade, flexibilidade no estilo de ensino”. Para isso, adotar estratégias com material concreto facilitará o processo de aprendizagem, a escola deve amparar e respeitar o aluno com dificuldades, permitir uma relação de apoio entre a família e a escola com foco na construção de estratégias pedagógicas e inclusivas.

De acordo com Ianhez e Nico (2002, p. 75) “não é necessário que os professores sejam especialistas em problemas de aprendizagem, mas é indispensável que todos os professores entendam as necessidades dos alunos disléxicos dentro e fora da sala de aula.” É preciso que os professores tenham uma bagagem de conhecimento e busquem informações sobre as principais dificuldades de aprendizagem.

[...] o professor deve utilizar um programa de linguagem bastante estruturado e fazer uso de todos os canais sensoriais: audição, visão, memória, tato, etc., tanto na escrita quanto na leitura. Isso é normalmente chamado de ensino multissensorial (IANHEZ; NICO, 2002, p. 88).

Ainda que o trabalho com alunos com dislexia seja um desafio para os professores, ajudar no seu desenvolvimento é uma oportunidade maravilhosa. No entanto, é importante lembrar que as dificuldades de leitura e escrita causadas pela dislexia não significam falta de inteligência.

## 5 CONCLUSÃO

Analisa-se que as dificuldades de ensino-aprendizagem ou distúrbio de aprendizagem apresentado neste trabalho, estão presentes em todas as escolas. Isto de fato, é uma realidade inserida dentro dos mais diversos contextos escolares. Diante dessa análise, é fundamental que toda a equipe escolar esteja atenta às pequenas dificuldades escolares que as crianças apresentarem ao chegar à escola, como também, verificar essas dificuldades nos diversos contextos sociais. Pois, sabe-se das dificuldades que cada criança que apresenta o distúrbio carrega consigo, desde então, tem que haver no ambiente escolar, práticas de intervenção pedagógica para as diferentes dificuldades encontradas, pois, tais práticas devem intervir o mais cedo possível na busca de conquistas cognitiva estrutural de tais crianças, onde, de forma qualitativa e gradativa, o professor deve realizar transformações no processo de



ensino-aprendizagem e no desenvolvimento social, cultural, sensorial, motor, intelectual das crianças com distúrbios de aprendizagem.

Mediante o exposto, percebe-se a necessidade de elaborar estratégias pedagógicas específicas e adaptadas para apoiar os alunos disléxicos. As práticas recomendadas devem focar em métodos multissensoriais, com atividades de consciência fonológica e o uso de tecnologia educacional para atender os alunos disléxicos.

Contudo, notou-se um agravante em relação aos profissionais que atendem esses alunos, muitas vezes se encontram em situações desesperadoras por não saber como oferecer um suporte pedagógico e suprir as necessidades de aprendizagem do aluno. Logo, não é o aluno que se adapta à escola, é a escola que deve se adaptar para o aluno. Portanto, se faz necessário a oferta de formação continuada aos professores, a inserção de uma equipe capacitada e um ambiente adaptativo e inclusivo a esses alunos disléxicos.

## REFERÊNCIAS

ABD, Associação Brasileira de Dislexia. **O que é dislexia?** 2016. Disponível em: <<https://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/>> Acesso em 04 de maio de 2024.

BORBA, A. L.; BRAGGIO, M. Â. Como interagir com o disléxico em sala de aula. **Associação Brasileira de Dislexia**. Postado pela ABD em 2016. Disponível em: <<https://www.dislexia.org.br/como-interagir-com-o-dislexico-em-sala-de-aula/>> Acesso em 04 de maio de 2024.

BRAGGIO, M. Â. A inclusão do disléxico na escola. **Fundação H. Olhos**. Belo Horizonte: 2006. Disponível em: <<https://fundacaoholhos.com.br/wp-content/uploads/2016/11/A-inclus--o-do-disl--xico-na-escola.pdf>> Acesso em 04 de maio de 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)> Acesso em 05 de maio de 2024.

BRASIL, **Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021**. Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2021/lei/L14254.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14254.htm)> Acesso em 04 de maio de 2024.

GALVÃO FILHO, T. A. Tecnologia Assistiva. **Planneta Educação**. Publicado em 05/09/2007. Disponível em: <<https://acervo.plannetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=954>> Acesso em: 01 de junho de 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4<sup>o</sup> Ed. São Paulo: Atlas, 2002.



IANHEZ M. E.; NICO, M. A. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares.** São Paulo: Alegro, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5º ed. São Paulo, SP: Atlas 2003.

LIMA, E. S. **Estratégias de ensino para o desenvolvimento da aprendizagem de escolares com dislexia.** Universidade Federal da Paraíba, 2014. Disponível em:  
<[https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16175?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16175?locale=pt_BR)> Acesso em 04 de maio de 2024.

ROTTA, N. T.; PEDROSO, F. S. **Transtornos da Aprendizagem: Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar.** 2º ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

SANTOS, K. S. **Um estudo sobre as estratégias pedagógicas no processo de ensino e de aprendizagem com crianças disléxicas da rede pública do DF.** Universidade Católica de Brasília, 2017. Disponível em:  
<<https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/bitstream/123456789/11076/1/KhasandraDeSouzaDosSantosTCCGRADUACAO2017.pdf>> Acesso em 04 de maio de 2024.

SILVA, M. C.; DUHART, M. F. R.; PEREIRA, P. C. S. **Práticas pedagógicas inclusivas: dislexia.** Alfenas, 2019. Disponível em:  
<<https://www.unifenas.br/extensao/cursosonline/praticaspedagogicas/PDFs/Dislexia.pdf>> Acesso em 04 de maio de 2024.

TEIXEIRA, F. A. L. **O uso de tecnologias assistivas com alunos disléxicos.** Universidade de Lisboa, 2018. Disponível em:  
<[https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/37778/1/ulfpie053262\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/37778/1/ulfpie053262_tm.pdf)> Acesso em: 01 de junho de 2024.

ZORZI, J. L. **Guia prático para ajudar crianças com dificuldade de aprendizagem: dislexia e outros distúrbios.** Um manual de boas e saudáveis atitudes. Pinhais: Editora Melo, 2008.

Zorzi, J. L.. **Os problemas de fala.** Prefeitura Municipal de Indaiatuba. Disponível em:  
<[https://www.educmunicipal.indaiatuba.sp.gov.br/shared/upload/z\\_outros/files/material\\_curso/monitores/tema\\_3/problemasfala.pdf](https://www.educmunicipal.indaiatuba.sp.gov.br/shared/upload/z_outros/files/material_curso/monitores/tema_3/problemasfala.pdf)> Acesso em 10 junho de 2024.